

Abordagens e paradigmas na organização do conhecimento



Leila Cristina Weiss
Universidade Federal de Santa Catarina
leilacw@gmail.com



Marisa Bräscher
Universidade Federal de Santa Catarina
marisa.brascher@gmail.com

1 Introdução

Existem diferentes propostas de classificação das correntes teórico-metodológicas existentes no campo de Organização do Conhecimento (OC) que, de modo geral, são frutos de discussões epistemológicas sobre o campo, que é interdisciplinar e recebe contribuições de áreas como a Ciência da Informação, Filosofia, Linguística, Semântica, Ciências da Computação, dentre outras.

Uma das propostas de classificação é a de Hjørland (2007) e se desenvolveu a partir da análise dos paradigmas em semântica, devido à forte influência dessa área sobre o campo de OC. Sob essa perspectiva, distinguem-se as abordagens pragmática e positivista em OC.

Pragmático, positivista, operacionalista, referencial, instrumental, empirista, racionalista e realista são alguns nomes de posturas epistemológicas, segundo Tennis (2008). A proposta de classificação das correntes teórico-metodológicas presentes na OC desenvolvida por Gnoli (2008), no entanto, não se refere a nenhuma destas posturas epistemológicas, mas sim à abordagem ontológica e à abordagem epistemológica, que o autor considera serem as duas abordagens básicas na OC.

Devido à importância das propostas de Hjørland (2007) e Gnoli (2008), refletidas nas recentes pesquisas e discussões na área de OC, neste trabalho analisa-se comparativamente essas duas correntes teórico-metodológicas na OC. Hjørland (2007) distingue os paradigmas na OC em pragmático e positivista, e Gnoli (2008), distingue as abordagens na OC em ontológica e epistemológica. Descrevem-se cada

uma das propostas e verificam-se as semelhanças, diferenças e complementariedades entre elas.

2 Paradigmas pragmático e positivista na OC

Iniciamos a discussão sobre a proposta de Hjørland (2007) para a classificação das correntes teórico-metodológicas nas pesquisas em OC a partir de um trabalho anterior do mesmo autor, publicado em 2003, no qual se descreve a presença das posturas epistemológicas empirista, racionalista, historicista e pragmática na OC.

Hjørland (2003) aponta que os métodos de OC estão relacionados com pressupostos epistemológicos, dos quais destaca o empirismo, o racionalismo, o historicismo e o pragmatismo. De acordo com o autor, na OC alguns artigos e sistemas apoiam-se principalmente em generalizações empíricas, como por exemplo os sistemas com base na medida de frequência de palavras. Outros artigos e sistemas são, em sua maioria, adotam regras racionais e deduções (embora muitas vezes ignorando questões empíricas). Nesse caso o autor considera que os sistemas analítico-facetados na tradição de Ranganathan fornecem os melhores exemplos. Um terceiro tipo de sistema tem por base o estudo da evolução de campos do conhecimento (historicismo). Em certo grau os sistemas com bases disciplinares, como a Classificação Decimal de Dewey (CDD), estariam em conformidade com esse ideal. Mas, por outro lado, a atualização desse sistema é mais influenciada pelos princípios da tradição analítico-facetada (como discutido por Miksa, 1998), e, portanto, em certo sentido a CDD também teria uma base empírica. Já os estudos e sistemas com base no pragmatismo são desenvolvidos com base na análise de objetivos, valores e consequências. O autor ressalta que esse paradigma na OC se insere na vertente realista, pois as construções sociais produzidas somente a partir de interesses pessoais ou dos pesquisadores da área, quando confrontadas com a realidade, podem se mostrar incoerentes. Dessa maneira, o método pragmático não se opõe aos aspectos do empirismo, racionalismo e historicismo. No entanto, evidências isoladas não são suficientes para apoiar os processos de OC e as evidências necessárias estão relacionadas aos objetivos e às atividades humanas. (HJØRLAND, 2003).

Nessa direção, Tennis (2008) argumenta que a epistemologia envolve uma decisão sobre que conhecimento é 'válido' para a OC e o que pode ser considerado

como fonte de evidência aceitável sobre esse conhecimento. Portanto, “a epistemologia em OC resulta numa posição epistêmica que esboça uma reivindicação de conhecimento” (TENNIS, 2008, p.105)

Esses pressupostos epistemológicos sobre a linguagem são discutidos por Hjørland (2007), que considera a semântica uma área de extrema importância para a OC. De acordo com o autor, abordagens distintas para OC implicam diferentes pontos de vista sobre semântica.

Peregrin (2004) destaca dois paradigmas dominantes em semântica, o pragmático e o positivista. No paradigma positivista a linguagem é retratada como um meio de representar o mundo e a realidade. No paradigma pragmático, a linguagem é vista como um meio de interação e o significado de uma expressão não é a entidade representada por ela, mas sim a sua função na interação. Com base em Peregrin (2004), Hjørland (2007) distingue os paradigmas em OC em pragmático e positivista, diferentemente de como havia definido os paradigmas em seu trabalho de 2003.

Francelin e Kobashi (2011), de modo semelhante, distinguem as abordagens sobre o conceito na OC em positivista e pragmática. Em seu estudo, com base na literatura brasileira publicada em artigos científicos, esses pesquisadores concluem que “as linhas de força teóricas estão calcadas, fundamentalmente, na lógica aristotélica, mais bem representada pelas Categorias, e pelo princípio de fixação da linguagem ou conceitos por meio de juízos e proposições verdadeiras, características básicas da filosofia analítica e do positivismo lógico” (FRANCELIN; KOBASHI, 2011, p.221).

Por outro lado, ainda segundo os autores supracitados, é possível encontrar fundamentação pragmática sobre o uso da linguagem e dos conceitos, sobretudo nos artigos que “analisam o conceito na perspectiva da filosofia da linguagem, da semiótica, da linguística, da teoria comunicativa da terminologia e da socioterminologia”. (FRANCELIN; KOBASHI, 2011, p.222).

Tanto Hjørland (2007) quanto Francelin e Kobashi (2011) apontam que no geral as pesquisas em OC não indicam de forma explícita em qual teoria ou corrente filosófica se baseiam. Mas ainda assim indicam forte inclinação para o positivismo, e Francelin e Kobashi (2011), afirmam também que muitas vezes, utilizam fundamentos dessa corrente teórica, como por exemplo a lógica formal e as categorias e lógica aristotélicas, de maneira acrítica. Hjørland (2009) trata a teoria do conceito sob a ótica

epistemológica e considera as visões pragmática e historicista como as mais produtivas para o desenvolvimento da OC.

Assim, para os fins da análise desse trabalho, a proposta de classificação considerada foi a de Hjørland (2007), que distingue os paradigmas em OC apenas em pragmático e positivista. De modo geral, pode-se considerar uma adaptação de sua proposta inicial publicada em 2003, pois, em sua proposta de 2007 os paradigmas racionalista e empirista se enquadrariam no paradigma positivista, e os paradigmas historicista e pragmático, se enquadrariam no pragmático.

3 Abordagem ontológica e epistemológica na OC

Gnoli (2008) inicia sua descrição das abordagens ontológica e epistemológica na OC a partir de considerações sobre a Ontologia e a Epistemologia, sendo que ambas são subcampos da filosofia. Nesse contexto, afirma que a Ontologia

[...] diz respeito à natureza das coisas conhecidas, especialmente em termos de categorias gerais a que pertençam. Questões como a subdivisão de uma classe em tipos e partes, ou o reconhecimento de que determinado conceito consiste num processo ou numa entidade estática, são ontológicas. Epistemologia, por outro lado, diz respeito a como os seres humanos conhecem o mundo por meio dos órgãos dos sentidos, e como eles processam o conhecimento de acordo com categorias tanto inatas quanto e culturalmente adquiridas (GNOLI, 2008, p.139).

Na visão desse mesmo autor, “o conhecimento é tanto epistemológico quanto ontológico, pois envolve a percepção humana e também se refere a objetos do mundo real que, por sua vez possuem certa estrutura intrínseca.” (GNOLI, 2008, p.139). O conhecimento documentado, a informação, carrega essas características. Redón Rojas (1996) considera que a informação é construída e não simplesmente inventada (subjetiva) ou descoberta (objetiva). A informação não é uma simples invenção sua elaboração apoia-se em certa matéria prima (elementos objetivos que se encontram nas coisas); e tampouco é algo pronto e objetivo que só precisa ser descoberto, pois é necessária à ação do homem. Os homens transformam e são transformados pelo mundo informacional em um processo de evolução constante. Nesse conceito de informação, a dialética do sujeito com o mundo que o rodeia é levada em consideração.

Ainda na visão de Gnoli (2008), na abordagem ontológica o foco recai sobre o mundo e a suposta realidade objetiva, enquanto que na abordagem epistemológica o foco recai sobre o sujeito e o contexto social, conforme exemplifica:

As principais classes de Dewey seguem uma sequência epistemológica, como sugere Francis Bacon, são listadas conforme a sequência em que são produzidas pelo intelecto humano: razão, imaginação e memória; as principais classes *da CDU* são também epistemológicas, uma vez que são derivados de Dewey. Outros sistemas, como a *Bliss Classification*, a *Broad System of Ordering*, e a *Information Coding Classification*, embasam a sequência de suas principais classes naquela que é supostamente natural, de acordo com a especificidade e complexidade dos objetos conhecidos, são, portanto, principalmente ontológicos (GNOLI, 2008, p. 139).

Prosseguindo com a distinção entre essas duas abordagens na OC, Gnoli (2008), ainda cita Dahlberg (1974; 1978) e Robert Poli, que fazem referência ao filósofo Nicolai Hartmann, como representantes da abordagem ontológica e Hjørland e Albrechtsen (1995) como representantes da abordagem epistemológica. Os pesquisadores em OC que desenvolvem suas pesquisas sob a perspectiva da abordagem epistemológica, segundo Gnoli (2008, p.19), “muitas vezes tomam exemplos a partir da linguagem e seu relativismo cultural, e citam filósofos como Wittgenstein e os pragmáticos americanos”.

O autor não defende uma ou outra abordagem como sendo melhor ou mais apropriada para a OC, mas sim que ambas devem se reconciliar e serem trabalhadas juntas. Os problemas que podem ocorrer quando a abordagem ontológica predomina em uma pesquisa em OC ou no desenvolvimento de um SOC não chegam a ser tratados pelo autor, que apresenta, no entanto, algumas considerações sobre os problemas da predominância da abordagem epistemológica.

Os defensores do relativismo cultural insistem que é melhor se concentrar em esquemas de domínios específicos, e ter ciência de suas bases epistemológicas. Pois qualquer esquema será influenciado pelo contexto cultural no qual foi concebido (Hjørland 2004). No entanto, a referência a um regime geral é necessária, mesmo quando a indexação é de literatura específica. (DJ Foskett 1991). Se realmente queremos permitir a interoperabilidade entre diferentes esquemas e a pesquisa interdisciplinar, vamos sempre precisar de algum regime geral, pelo menos como um dispositivo de comutação entre os sistemas sustentados em diferentes epistemologias. Assim, a necessidade de investigação ontológica em OC está longe de ser um tema obsoleto. (GNOLI, 2008. p. 140).

Essa afirmação, em nosso entendimento, justifica a importância de as duas abordagens serem trabalhadas conjuntamente na OC.

4 Considerações finais

De modo geral, estudos epistemológicos, como os desenvolvidos por Hjørland e Gnoli, se referem às correntes teórico-metodológicas de uma área como paradigmas, ainda que tomem por base critérios de classificação distintos. Podemos dizer que as propostas de Hjørland (2007) e Gnoli (2008) para a classificação das correntes teórico-metodológicas na OC foram desenvolvidas a partir de critérios classificatórios distintos. A primeira distingue os paradigmas na OC em pragmático e positivista e adota como critério as abordagens epistemológicas. Enquanto que a segunda distingue as abordagens em ontológica e epistemológica e adota a forma de ver o objeto de estudo da OC como critério. Consideramos, portanto, que essa parece ser a principal diferença entre as duas propostas, o critério de classificação.

Cada postura epistemológica possui critérios de validação do conhecimento próprios e utiliza métodos de pesquisas que visam atender a esses critérios. Isso faz com que um mesmo objeto de pesquisa seja visto de forma distinta, de acordo com a postura epistemológica adotada na pesquisa. Com uma postura epistemológica pragmática se vê o objeto de estudo da OC como epistemológico e com uma postura epistemológica positivista se vê o objeto de estudo da OC como ontológico. Assim, apesar dessa diferença, verifica-se que essas duas propostas de classificação das correntes teórico-metodológicas na OC são complementares. Por exemplo, a Classificação Decimal de Dewey (CDD) é classificada por Hjørland (2003) como integrante do paradigma historicista (pragmático) na OC, e Gnoli (2008), utiliza a CDD e a Classificação Decimal Universal (CDU) como exemplos da abordagem epistemológica na OC. Hjørland (2003) atribui os sistemas analítico-facetados da tradição de Ranganathan como integrantes do paradigma racionalista (positivismo), pois estão apoiados em regras racionais e deduções. Ranganathan desenvolveu seu sistema de classificação com base nos trabalhos de Henry Evelyn Bliss, a *Bliss Classification*, bem como a *Broad System of Ordering*(BSO) e a *Information Codig Classification* (ICC), são consideradas por Gnoli (2008) como integrantes da abordagem ontológica.

Além dessas semelhanças, verifica-se que tanto Birger Hjørland quanto Claudio Gnoli, consideram importante integrar as abordagens na OC. Hjørland, apesar de não enfatizar este aspecto em seus trabalhos, assim como ocorre em Gnoli (2008), deixa claro que a abordagem pragmática não se opõe às demais posturas epistemológicas, apenas considera que as evidências isoladas não são suficientes e que os critérios de verdade estão ligados aos objetivos e às atividades humanas. (HJØRLAND, 2003, p. 106). Nenhum dos dois autores propõe como se daria essa complementariedade e, talvez, as pesquisas na área possam avançar nessa direção, e, ainda, na consolidação de metodologias que integrem essas visões.

Referências

FRANCELIN, M. M; KOBASHI, N. Concepções sobre o conceito na organização da informação e do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 40 n. 2, 2011.

GNOLI, C. Ten Long-Term Research Questions in Knowledge Organization. **Knowl. Org.**, v.35, n. 2, p.137-149, 2008.

HJØRLAND, B. Concept theory. **JASIST**, v.60, n.8, p.1519-1536, 2009.

HJØRLAND, B. Fundamentals of Knowledge Organization. **Knowl. Org.**, v.30, n.2, p.87-111, 2003.

HJØRLAND, B. Semantic and Knowledge organization. **ARIST**, v.41, p. 367-405,2007.

PEREGRIN, J. Pragmatism und Semantik. In: Fuhrmann, A.; OLSSON, E. J. **Pragmatisch denken** . p. 89-108. Frankfurt am Main, Germany: Ontos. 2004.

RENDÓN ROJAS, M. A. Hacia um nuevo paradigma em bibliotecologia. **Transinformação**, Campinas, v. 8, n. 3, p. 17-31, set./dez. 1996.

TENNIS, J. T. Epistemology, Theory, and Methodology in Knowledge Organization: Toward a Classification, Metatheory, and Research Framework. **Knowl. Org.**, v. 5, n.2, p. 102-112. 2008.